

A CONSCIÊNCIA INTELECTUAL

***A REALIDADE
PRECEDE E TRANSCENDE
A CONSCIÊNCIA***

Quando a **realidade** é ignorada
e rejeitada pelo ser humano, ela
igualmente o ignora e o rejeita.

Quando a **verdade** é
crucificada pelo ser humano, a
verdade igualmente o crucifica.

O conhecimento **Real** e **Verdadeiro** não é apenas as ideias ao pensamento, para discernir a realidade e a verdade, mas sim quando ele se transforma em instrumento, que amolda e forma nosso carácter moral, intelectual e espiritual, para discernir também entre o bem e o mal.

Jon Brodsky

3ª edição

ISBN 978-65-991494-1-2



Brodsky, Jon. A Consciência Intelectual.

A Realidade Precede e Transcende a Consciência.

O. M. Edições.

2020.

Rio de Janeiro.

Copyright "©" 2020. Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer
meio. Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos
autorais).

2020. Escrito e produzido no Brasil.

Uma breve reflexão espiritual

*Só o conhecimento advindo do espírito,
pode dar-nos uma verdadeira posse do que realmente
somos, logo,
o saber é a mais sublime dádiva que nos compete.
É o conhecimento aliado ao espírito que desvela nossas
moléstias interiores e nos cura e liberta. Para conhecer-se,
porém, é preciso destituir-se de si mesmo, do ego, dos
aplausos e vãos lisonjeiros, acreditando que nada existe em
nossa vida que possa permanecer camuflado,
pois Deus tudo vê e tudo sabe o que existe em nós.
A sinceridade, espontaneamente, nos conduz a presença de
Deus,*

*pois vivemos primeiro entre outros, mas, quando
descobrimos o mundo interior, a solidão é-nos como um
santuário, porquanto, só na solidão que se tem um
“encontro marcado” com Deus e é ali,
que se realiza a união com Ele.*

*A solidão é uma “imitação” do santo templo Deus,
que obriga-nos a desvendar em nós uma presença espiritual,
em que tudo o que existe possa ser percebido.*

*O solitário basta-se a si mesmo quando vive em Deus;
pois ele se refugia na solidão quando o mundo social,
amigos, familiares, revelam suas insuficiências.*

*No entanto, naquele vazio silencioso da solidão, seu espírito
é completamente preenchido pela infinita Presença divina.
É nesta Presença divina que entendo com profundidade o que
provérbios bíblicos diz, que é o temor do Senhor o princípio
da Sabedoria,*

*esta que o mundo despreza, esta Sabedoria que clama de
fora.*

*Convertei-vos pela minha repreensão, diz o Senhor, e
derramarei abundantemente o meu Espírito sobre vós,
porque o Senhor dá a Sabedoria e da sua boca vem o
entendimento e o conhecimento.*

*Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos;
escudo é para os que caminham na sinceridade.*

*O temor do senhor é o princípio do conhecimento,
mas os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina. Pv.*

1:7.

E vocês tolos, até quando desprezarão o conhecimento? Pv.

1:22.

*Se acatarem a minha repreensão, eu lhes darei um espírito
de sabedoria e lhes revelarei os meus pensamentos Pv. 1:23
Se clamar por entendimento e por discernimento gritar bem
alto, se procurares a sabedoria como se procura a prata e
buscá-la como quem busca um tesouro escondido... Achará o
conhecimento de Deus. Pv. 2: 3, 4, 5.*

*Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em
seu próprio entendimento.*

Não seja sábio a teus próprios olhos. Pv 3: 5, 7.

Com os humildes está a sabedoria. Pv. 11:2.

O coração sábio buscará o conhecimento. Pv.15:14

O coração do sábio adquiri o conhecimento. Pv. 18:15

*Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e nunca
peque. Ec. 7:20*

*E o pó volte a terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que
o deu.*

Vaidade de vaidade... Tudo é vaidade. Ec. 12:7,9

De tudo o que se tem ouvido, o fim é:

Teme a Deus e guarda os seus mandamentos...

*Porque Deus há de trazer a juízo a toda obra e até tudo que
está encoberto,
quer seja **bom**, quer seja **mau**. Ec. 12: 13,14.*

Prefácio

- Uma sucinta autorreflexão. 14
- Por que ler este livro? 24
- A linguagem escrita deve ser apenas a expressão da realidade. 27
- A Alienação. 29
- A Consciência. 38

Sumário

Capítulo I

A Consciência Intelectual - 44

- Os Quatro atributos da personalidade na Consciência Intelectual. 54

Capítulo II

A Alienação Espiritual na Consciência Intelectual - 64

- Arrependimento, Culpa, Humildade e Renascimento. 70
- A Profanação Espiritual. 83
- A Dimensão Espiritual. 86
- O Sentido da Vida e sede de Transcendência. 96
- Ninguém é inocente: A Consciência Consciente. 105
- Os Quádruplos atributos da Fé. 109
- Reflexões Existenciais e Espirituais. 115

Capítulo III

Desalienação da Consciência Intelectual. - 180

- A Consciência de si e o Conhecimento...181
- A Crença - Ideia e a Ideia - Intelectual....188
- Realidade, Razão, Emoção e Intelecção..193
- A Necessidade de Verdades. 203
- A Vida Existencial. 205
- O Pensamento. 207
- Conhecimento *Versus* Opinião. ... 213
- Pior do que o Analfabeto Político, é o Analfabeto Intelectual. 235
- A Leitura. 238
- A Linguagem e o Relativismo linguístico.244
- A Realidade Existencial. 253
- A Primazia da Realidade. 259
- A Existência tem primazia sobre a Consciência. 261

- A Percepção Existencial. 263
- O Conhecimento procede do sujeito
Cognoscente ou do Cognoscível ?.. 265
- Nossa Identidade Existencial. 267
- Sensação, Percepção e Conceitualização
.....269
- O Intelecto Conceitual 273
- Razão e Lógica. 277
- A Hierarquia do Conhecimento. 279
- A Razão como Propriedade Privada de cada
Indivíduo. 282
- A Moral, os Valores e os Princípios. 284

Capítulo IV

As 7 características da inteligência na Consciência Intelectual. - 287

- Os Pseudo-Intelectuais. 292
- A Legítima Intelectualidade. 294
- Os Idiotas Alienados. 301
- A inteligência é apenas uma, porém, ela possui diferentes características que podem ser potencializadas... 305
- A síntese das 7 inteligências na prática da realidade existencial, expressa em habilidades. 309
- Perguntas que muitos deveriam fazer a si mesmos. 312
- Algumas máximas da inteligência. 317
- As 12 Realidades para a Vida. ... 318
- A Consciência parte do pressuposto da contrariedade. 320
- A Inteligência Emocional. 323
- A Vontade Intelectual. 328

Capítulo V

A Filosofia Transconsciencial - 335

- O que é a Filosofia Transconsciencial?....337
- A Alienação e a Lei Moral. 344
- As Quádruplas atividades da Mente Transconsciencial. 350
- Os Quádruplos atributos da Consciência Transconsciencial. 352
- A Estrutura da Mente Transconsciencial: A Mente Intelectual e a Mente Emocional. 356
- Axiomas sobre a Realidade que precede e transcende a consciência....357
- Atos extrospectivos e introspectivos das percepções na investigação de conhecimentos. 363
- Meios Extrospectivos e Introspectivos das percepções para investigar os conteúdos existenciais. 367
- Proposições Axiomáticas. 368

Prefácio

Uma sucinta autorreflexão

Sinto-me como um náufrago isolado em uma ilha deserta, ou como um pregador no deserto, porém, não por meio de palavras faladas, mas pensadas em solilóquios e que transcorrem em pensamentos expressos por estas palavras escritas, como aquelas mensagens colocadas no interior de uma garrafa e lançada ao imenso mar, cujas ondas, ventanias e maremotos a direciona para lugares inimagináveis. Assim são meus escritos, como esta garrafa lançada ao mar que, em meio a sua imensidão, fica a boiar, sem destino certo de chegada, sem nenhum alvo específico a alcançar, porém, inevitavelmente, para algum lugar ela deve chegar, custe o tempo que custar. De certo, algum dia, alguém irá encontrá-la, seja quem for. Quem sabe agora este não seja você, prezado leitor?

Vivemos em um mundo intoxicado e abarrotado de informações, de conhecimentos premeditadamente capilarizados por supostos especialistas pasteurizados, que disseminam suas convicções e certezas com pretensões déspotas, impondo subliminarmente padrões e paradigmas para os quais todos são induzidos a se

submeterem. Somos bombardeados por livros cujo mercado editorial quer nos fazer mergulhar numa intoxicação mental e emocional.

Ao contrário do senso comum e do que se apregoa, devemos ser criteriosos e seletivos ao máximo com o que lemos, pois, devemos saber o que de fato é importante e fundamental para nosso desenvolvimento espiritual, emocional e intelectual. Devemos repudiar a tal *paixão de ler*, a compulsão desenfreada por uma desmedida e demasiada ânsia de leituras, porque devemos ler de forma inteligente e não apaixonada, como diz Sertillanges. Devemos buscar conhecimentos em leituras aos quais pretendamos reter para o que de fato possa nos edificar e agregar a nossa vida em sua totalidade. Devemos privilegiar mais as leituras de *formação* do que a de *informação*, para que não nos transformemos em um *depósito cerebral ambulante*.

O mundo quer nos sobrecarregar com uma carga absurda de informações, numa frenética e incansável busca por saberes que visam muitas vezes a atender egos, vaidades ou a um vazio existencial para o qual as autoajudas prometem preencher com os seus gurus e “especialistas”.

Temos de ter bom senso e não devemos nos alienar a nós mesmos, entregando-nos de *bandeja* para esta atualidade deturpada. Esta cultura atual quer apoderar-se de nossas mentes, preenchendo-as com seus barulhos insonoros

alienadores, para assim *devorar* nosso silêncio interior, nos impedindo de escutarmo-nos em nosso silêncio pelo espírito que nos edifica, liberta e que nos confere autonomia para uma existência peculiar, original e espiritual.

Querem nos sufocar com conhecimentos sucateados e fazer de nós “latas de lixos” mentais ambulantes, meros receptores de dejetos e excrementos intelectuais, emocionais e espirituais.

Devemos beber das fontes, frequentar a elite dos pensamentos, as ideias mestres e atemporais, que transcendem gerações, pois, são verdades eternas que permitem que delas extraíamos não apenas conhecimentos, mas, entendimento, sentimento, espiritualidade e sabedoria. Estas verdades quando de nós se apossam, deslizam em nossa alma erguendo-nos para as regiões mais elevadas da solidão, do espírito e do silêncio, onde, por meio das quais, brotam a sabedoria que nos faz viver de forma maiêutica, em uma condição existencial tal que, procuramos extrair tanto de nós quanto dos outros os mais ricos e íntimos atributos, virtudes e essências. Mesmo que a realidade que no rodeia seja medíocre, banal, ignóbil, o espírito da verdade pode *domar* nosso coração e nossa mente, *nos fazendo tocar sem sermos tocados, e nos darmos sem que percamos nada do que possuímos.*

A sabedoria da verdade ensina-nos falar para dizer o que se deve e calar-se ao mesmo

tempo em que se fala, porque a palavra raciocina e reflete quando nela está subjacente o silêncio por trás dos sons, porquanto, está exatamente no silêncio o segredo do verdadeiro e o mais importante significado secreto das palavras, pois elas se medem pela nobreza que não pronunciam. É doseando a vida entre os silêncios e ruídos, que sabiamente nos ajustamos em nossa vida interior e exterior, pois vivemos em um mundo de euforia frenética mesclada a balburdias, leviandades, algazaras e alvoroços, que perturbam o eu externo e nos afetam internamente. Portanto, a solidão e o silêncio acalmam a alma, e tal momento isola-nos ao alto, nos proporcionando elevação espiritual e intelectual, nos fazendo desejar os bens eternos, estes da sabedoria da verdade, como diz em Provérbios da Bíblia, que ela proclama-se nas ruas, nas praças e em todos os lugares, em um apelo incessante por quem a ouça e a sinta, desejando dar amostras de sua simplicidade encantadora, exprimindo o seu eco em nós.

O fato é que, o tanto quanto tenho vivido, tanto mais tenho aprendido e cada vez mais tenho tão bem em mim discernido, o quanto tenho de entender e aprender a viver. A idade avança e o tempo é inexorável, inegociável e irrevogável. Resta-me, portanto, empenhar-me ao máximo dar sentido a minha existência aqui nesta vida e não questionar a vida o seu sentido, pois ela é tão somente dádiva divina, que para nós foi concedida, porquanto, ela é eximida por

excelência de tal responsabilidade e não lhe é incumbida nenhuma explicação, justificação e interpretação sobre si mesma. A vida é verbo que se conjuga na primeira pessoa, ela é o *eu* que está subserviente aos meus comandos, volições, decisões e deliberações. Ela não pode ser terceirizada, o homem não pode se imbecilizar a tal ponto de alienar-se a si mesmo, pois, a vida por Deus nos foi concedida de forma individualizada e inalienável.

Devo, então, sabê-la em mim, por mim e para mim, e como uma toupeira, cavar em meu interior túneis subterrâneos que irrompam minha superfície e adentrem no subsolo da minha existência, para encontrar ali meu ser subterrâneo, aquele imerso nos recônditos mais íntimos e profundos, que oculta-se de mim na superfície do meu *eu*, este visível, corporal, social e intelectual. É uma escavação diária e contínua, abrindo hiatos subterrâneos em mim para um mapeamento interno, para que eu saiba conduzir minha alma ao Deus eterno.

O esforço incomensurável é, diariamente, transcender o *eu* da superfície terrena, este tão supérfluo, desejante, pulsante, que é guiado por necessidades, emoções, ambições, intenções, motivos e objetivos. O sentido da vida está para muito além de uma vida terrena e superficial-corporal, pois em cada ser humano há um *inconsciente espiritual*, mas necessário se faz escavá-lo dentro de nós, e assim o faço em mim,

para que eu sinta este Deus infinito por sobre mim, e Seu Espírito dentro de mim.

Este mundo é tal qual é em sua inexorável realidade factível, com suas vicissitudes, superfluidades, banalidades, complexidades e contraditoriedades. Não espero do mundo mais do que ele é e pode oferecer, apenas almejo minimamente alguma existência autêntica na qual meu ser espiritual possa fazer-se cada vez mais manifesto em mim. Quando se almeja tal intento, paga-se um preço, pois é inevitável certa solidão espiritual, social, emocional e intelectual, porque passamos a ser “um corpo estranho” neste corpo social. Ser esse “corpo-estranho” é contrapor a aprovação desse corpo social. É ser passível de ser ridicularizado, rotulado e parodiado.

Ninguém pertencente a este corpo social quer dele estar deslocado, isolado, para assim ser alvo de críticas e ofensas. A vaidade egocêntrica é preponderante nesta sociedade. Ninguém quer ser passível de hostilidades, pois todos querem o afago, a bajulação e as lisonjas. Todos querem os aplausos antes do espetáculo, porque a arrogância sempre é covarde. O egocêntrico evita as vaías e se escraviza pelos aplausos, porque ele é incapaz de encarar a si mesmo, pois a fonte de seus atributos é seu próprio ego, que corresponde a sua imanência.

O “corpo-estranho” tem por fonte de seus

atributos a fé advinda de Deus, que por meio do espírito nos proporciona virtudes para a transcendência, para muito além desta pífia vida medíocre de aparências. Tenho aprendido com Deus que esse isolamento é, na verdade, uma honra que devemos apreciar e agradecer a Ele, pois significa uma condição particular íntima e exclusiva entre nosso ser indivíduo intelecto-espiritual para com o soberano Deus que, nessa intimidade, nos revela e nos proporciona tudo aquilo que o vulgo saber humano é incapaz. O conhecimento humano limita-se em saber o que todos já sabem e tem possibilidade de saber, o divino é o esplendido extraordinário que nos transpõem para muito além do plano material, além da mera cognição intelectual, desse nosso ser biopsicossocial, pois, é a revelação e a inspiração espiritual que nos torna em um ser *biopsicoespiritual*.

O espírito atua em nosso psíquico e nos faz entender nossa condição individual, fora desse senso comum social. Ele, o Espírito, portanto, é minha própria e única plateia, meu público, meu interlocutor. Ele não me aplaude e nem critica, mas me modifica, me edifica. À medida que essa particularidade íntima com Deus acontece, mais nos tornamos personalidades atípicas e estranhas a este mundo e, mais ainda, desenvolvemos uma legítima autoconfiança de entender que não precisamos da aprovação alheia, mas unicamente de Deus.

Meu esforço, portanto, é fazer com que o desenvolvimento da vida intelectual esteja agregada e vinculada ao desenvolvimento espiritual, esse cuidado com a vida do espírito, pois sempre que nos maravilhamos com alguma ideia, argumento e conceito, somos inconscientemente impelidos a nos deslumbrar de forma excessiva com esses pensamentos dos *saberes* humanos.

Assim, somos afetados por uma sensação de entusiasmo e veneração intelectual tão fulgurosa, a tal ponto de destituir Deus e elevar a razão, numa substituição pretensiosamente narcisista, pois, tal situação nos faz esquecer da imperfeição e insuficiência humana. Por mais que os conhecimentos possam ser profundos, densos, originais, intensos e lógicos, jamais podem explicar toda a dimensão da vida humana e existencial.

Por isso, meu inconsciente espiritual sempre suplicou-Te nos recônditos mais ocultos e profundos de minha alma. O mundo quer nos reduzir a meros objetos abjetos despersonalizados e mecanizados, numa existência coisificada e num ego que não passa de um brinquedo de impulsos num vácuo existencial. Não somos um ser meramente impulsivo, mas uma existência espiritual. Enquanto a existência humana investiga as profundezas da natureza humana, a fé investiga as profundezas do espírito.

O que sou hoje se resume em um esforço constante naquele que eu poderia ser e pretendo ser, como uma pedra a frente de um escultor, com a qual fará uma estátua. Assim apresentando-me diante de Deus, buscando, por meio da fé, ser por Ele esculpido e lapidado pelo Seu Espírito, fazendo do meu coração um oratório onde posso retirar-me de vez em quando para encontrá-Lo e, ante Ele, fazer emergir minha mansidão, amor e humildade, pois, Sua Presença não está em templos humanos, mas dentro daqueles que O adoram em espírito e em verdade.

Que minha alma se adapte ao estado interior de mim em meu espírito, pois o olho humano vê no exterior o que de fato atormenta no interior. Sempre existirá uma correspondência íntima entre o plano subjetivo e o plano objetivo, e isso faz brotar a dilatação de um vazio melancólico, um retrocesso, um retorno ao nada e, ao mesmo tempo, um cansaço do mundo e das *coisas*. Essa melancolia que às vezes nos quer tragar, manifesta-se em um olhar nostálgico inexpressível, pois nossos remorsos fazem parte dessa melancolia e eles sempre permanecerão manifestos, como uma *morte em vida*. Os remorsos nos permitem viver sem nos paralisarmos, como uma consciência do irreparável e como uma porta entreaberta, fazendo-nos lembrar que carregamos implicitamente nossa nulidade e insignificância, o que nos faz chorar lágrimas de pensamentos tão amargos quanto as próprias lágrimas.

Deus tem muitas maneiras de nos atrair para Si Mesmo. Às vezes se oculta de nós. Só a fé deve ser o nosso sustentáculo para o estado de espírito, porém, sei que para chegar a este estado, o início é muito difícil, porque temos de agir apenas com base na fé. Termino afirmando o que disse o texto “A Prática da Presença de Deus”, de Nicholas Herman: “O conhecimento é normalmente a medida do amor. Quanto mais profundo e extenso seja o nosso conhecimento, maior será o nosso amor. Se o nosso amor a Deus for grande, lhe amaremos igualmente nas dores e nos prazeres”.

Por que ler este livro?

Agora, faço-lhe uma pergunta pertinente: Por que ler este livro? O que o faz ser tão digno de seu tempo, disposição e concentração? Ou melhor, o que faz deste livro ser merecedor de sua atenção em detrimento a tantos outros melhores?

Não seria por este que vos fala, visto que não sou nenhum gênio e muito menos detentor de saberes mirabolantes, espetaculares, surpreendentes ou revolucionários. Sou apenas um “anão” que procura “sentar” sobre ombros de gigantes e que clama a Deus por sabedoria. Porém, este livro é influenciado pelas mentes geniais do entendimento humano e inspirado em uma sincera busca espiritual. No plano secular, busquei as mentes que produziram os verdadeiros conhecimentos, que desvelam as entranhas de nossa ignorância, evidenciando o quanto não sabemos de nada, nos fazendo reconhecer qual é o nosso devido lugar, que é posição de humildade e reverência.

No plano espiritual, busquei uma elevação que me conduzisse para a verdadeira sabedoria por meio do Espírito de Deus, que não é aquela sabedoria que pode ser aprendida, mas a que o Espírito inspira e guia para buscá-la, pois, saber não é ter conhecimento, mas sim entender o entendimento e pensar os pensamentos pela consciência espiritual, sendo essa também a verdadeira essência da relação com Deus.

Portanto, minha pretensão é despretensiosa, pois sou apenas um sujeito curioso, ávido por saber saberes já existentes, pensados e imaginados, portanto, ademais, os pensamentos são como “peças de brinquedo lego”, pelas quais criam-se as mais variadas formas de brinquedos, porém, sempre com as mesmas peças. Assim é com o conhecimento que nada mais é do que o *pensamento montado, formatado*, que origina-se de pensamentos sobre “encaixes” de pensamentos, porque são os pensamentos as peças de montagem do conhecimento. São pensamentos gerando pensamentos e sobrepondo-se uns sobre os outros nas mais inúmeras e variadas formas, porque nada nasce do nada, o ininteligível não pode gerar o inteligível, seria um contrassenso lógico, portanto, a cognição intelectual não pode operar no vácuo.

Mas basto-me em meu mero limite, conferindo a mim mesmo apenas a permissibilidade do privilégio de lograr, por meio de minhas abstrações, tais saberes sempre aliados ao espírito. Usufruo de alguns conhecimentos em minhas atividades intelectivas como que “degustando-os” ao sabor de suas magnânimas pertinências. Conformo-me com minha respectiva condição de mortal comum, porém, aprazando-me conhecer o incomum.

Logo, uma mente liberta, jamais poderá voltar a ser aprisionada, pois não há pior prisão do que a da mente e a do coração. Se não temos o que pensar, não temos direito nenhum de falar,

pois, você estará com uma mordança mental e sem autonomia intelectual. No máximo estará iludido se achando cheio de verdades e certezas.

Sei que o conhecimento humano muitas vezes é soberbo, arrogante, autoconfiante. Por isso faz-se necessário uma *fé espiritual* genuína que nos faz humildes para entender o quanto é complexa, profunda, infinita e misteriosa a existência. Desconfio e procuro afastar-me dos ***donos de verdades e certezas***, pois a fé tem conferindo-me esta lucidez aclarada e límpida de entender que nosso esforço é nos conscientizarmos cada vez mais de nossa condição existencial, e o fato de saber disso, o esforço contínuo nunca cessará, pois, afinal de contas, a fé aliada com o pensar são duas armas absolutamente imbatíveis que, cedo o tarde, sempre triunfarão, porque a fé liberta a mente e o coração, e ambos, jamais aceitarão retornar a antiga prisão.

Portanto, considero este livro como aquela mensagem dentro de uma garrafa que é lançada ao mar e que, de um jeito ou de outro, a alguém irá alcançar, custo o tempo que custar. Sem querer ser arrogante e para ser de fato honesto, esta leitura não se destina às massas, no sentido de que não se trata de entreter, consolar ou motivar. E muito menos de fornecer fórmulas e respostas, como fazem os livros da moda, porque, sinto, em meu espírito, que não escrevo para qualquer um, mas sempre para alguém.

A linguagem escrita deve ser apenas a expressão da realidade

O espírito deve fundamentar o intelecto, ser aquele clarão que ilumina nossa obscuridade, pois, sempre será um esforço doloroso a atividade intelectual apoiada apenas em nossa insuficiência. Deus, muitas vezes, misericordiosamente, nos concede a graça de nos permitir perceber as verdades que sempre estiveram diante de nós.

Quando escrevo, cada vez mais percebo e entendo, o quanto quando durante meu ato da escrita, não se trata apenas de palavras, frases e parágrafos, mas sim de uma conversa que tenho comigo mesmo, que aspira em ser uma conversa com outros também.

Uma conversa que tem por vista eternizar certos pensamentos, que às vezes nos escapam, daqueles que vem apenas uma única vez. Portanto, a escrita não significa tornar estático as verdades, mas sim perceber e extrair as verdades que sempre passam em meio a este inconstante devir transitório, que se modifica ininterruptamente.

Portanto, a linguagem escrita não visa preservar as verdades, pois elas sempre serão

eternas, mas sim *captá-las* e *encapsulá-las* em forma de registro escrito, que não tende em um mero armazenamento de informações, mas sim um meio pelo qual, quando nossos olhos abrirem – se diante delas, possamos vivenciá-las em nosso interior para muito além de uma percepção intelectual, por que as verdades exigem a participação de toda a nossa estrutura do ser intelectual, emocional, moral e espiritual.

A linguagem escrita não é apenas um ato intelectual, mas a expressão da personalidade, que muitas vezes revela o que há de humano em nós, pois o atributo que mais se demonstra no ser humano, *é a força de sua personalidade*.

A alienação

A alienação é um conceito criado pelos gregos estoicos, vem da palavra *allotriosis*, que significa um desalinhamento do eu consigo mesmo, *uma extração do próprio eu*. Alienação sempre estará em confrontação com a realidade, pois esta é um cosmo dado, que nos precede e transcende, enquanto a alienação procura sempre construir um sistema, falsificando a realidade ou então distorcendo-a.

A *realidade intelectual* corresponde ao nosso intelecto, que é o requisito básico para se relacionar na existência, seja no âmbito social, emocional e espiritual. O verdadeiro significado do intelecto foi deturpado pelo secularismo, reduzindo-o a um ceticismo banal, porém, muito pelo contrário, a fé, o transcendente, parte obrigatoriamente daquilo que entendemos, pois, tudo que cremos depende do que compreendemos, logo, a Bíblia fala do culto racional e recomenda que se utilize de palavras coerentes e lógicas para um relacionamento espiritual com Deus. É aquela famosa máxima: *entender para crer e crer para entender*. Não pensemos nós que o simples proferir da fé significa que se é de fato um cristão, pois, o cristianismo verdadeiro está no conteúdo dos pensamentos efetivos, aqueles do profundo interior da alma e que se refletem na substância de nossas ações no mundo real.

A capacidade intelectual é o atributo que Deus nos concedeu para que compreendamos a verdade, portanto, nunca seremos capazes de compreender e captar nenhuma verdade dessa existência, se não formos capazes de captar a nossa própria verdade, e esta verdade significa uma sincera descrição de nosso eu interior e exterior para nós mesmos e para com Deus, porque Deus é o observador onisciente que não pode ser enganado, e Ele não deixa que nós nos enganemos.

Um dos maiores desafios de cada indivíduo, nesta sociedade atual, é resgatar urgentemente a consciência da realidade, no que resultará espontaneamente numa consciência de si mesmo. A alienação é o pior dos males, pois se trata de uma *genocida intelectual*. Ela não é apenas o pior dos *ópios* da sociedade, também é uma *doença*, um “câncer” da psique humana em estágio avançado, que degenera e corrói toda a estrutura humana. É uma enfermidade das mais patológicas. É uma doença covarde e maliciosa, porque penetra e age sem que ninguém a perceba e, de forma anestesiante, ataca a principal faculdade vital do ser humano: *a consciência*.

A alienação nasce como um pequeno nódulo mental, que gradativamente vai se potencializando na mente, pois, ela se alimenta de ideias, comportamentos, pensamentos e conhecimentos *fabricados*. Qualquer abstração que não advém do campo da realidade e vai ao

encontro da mente, potencializa a alienação mental, logo, qualquer mente está suscetível a alienação, bastando permitir que qualquer influência abstrata ou comportamental se introduza. Uma vez ali instalada, sua meta é se impregnar, gradativamente, nas entranhas da mente até a alma. Suas raízes tendem a atingir o mais profundo do seu ser, ramificando seus tentáculos nas partes mais intrínsecas e vitais dos atributos humanos.

A Alienação é também uma espécie “demônio secular”, mas com capacidades transcendentais, pois quando ela se assenhora do seu interior, apodera-se e se apropria de sua vida intelectual, emocional, social e espiritual.

Em suma, o ser se dissolve numa total perda da identidade, pois sua individualidade singular e sua autonomia existencial são dissipadas em fragmentos, o ser é estilhaçado em resquícios, perdendo-se de si mesmo e tornando-se numa massa amorfa de rebanho. A alienação erradica o nosso precioso *patrimônio*, que é nossa **consciência intelectual**. O intelecto não é apenas uma “ferramenta” ou um “órgão” do ser humano, mas o *sustentáculo* que nos faz buscar a realidade espiritual, logo, ambos se estabelecem em um só. A consciência intelectual é o próprio ser humano enquanto sujeito que pensa, reflete e raciocina, ou seja, é a própria representação de toda a expressão integral do ser humano.

O que é o ser humano que não tem consciência inteligível dos seus atos na realidade existencial? O que é o ser humano sem a plena consciência de sua condição real na sociedade e da sociedade? O que é do ser humano sem a consciência dos seus sentimentos em relação a si mesmo e aos outros? O que é do ser humano sem a consciência de que é um ser de intelecto, capaz de intelecção, assimilação, compreensão, percepção, interpretação, decisão, avaliação, opinião, julgamento, discernimento, moderação, equanimidade e as mais infindas prerrogativas?

A alienação acorrenta o ser humano para que ele não seja livre para perceber a si mesmo como um ser autônomo, independente e emancipado. A alienação obstrui o encontro do homem consigo mesmo, pois é apenas quando se está a só consigo mesmo, é que ele é capaz de um julgamento solitário, que proporciona uma real intimidade interior, numa imersão profunda para se esmiuçar, se esquadrinhar em todos os meandros da vida e fazendo-se as mais difíceis perguntas e, ao mesmo tempo, reconhecendo os mais insuportáveis erros: que é encarar o próprio ego narcisista cara-a-cara e criticar, confrontar, culpar e sem clemência e misericórdia, condená-lo para que possa se arrepender e se restaurar.

A alienação é *antípoda* do caráter, é sua *arqui-inimiga*, pois, quer falsificar a essência do ser, torná-lo superficial, interesseiro, obsceno, desprezível e egocêntrico. O caráter é de índole

autêntica. Atua pela premissa da honestidade, sinceridade e fidelidade. O caráter age por vocação, dedicando-se com verdade e convicção, pois em tudo coloca o coração. Não age por necessidades interesseiras, prazerosas ou financeiras, pois a vocação do caráter é agir sempre com dedicação, desinteresse, sem segundas intenções, mesmo tendo desvantagens, perdas e danos.

A alienação encapsula a mentalidade num involucro impermeável tal que, é impossível qualquer realidade alcançar o coração e a mente do alienado, pois, sua consciência profunda, sua personalidade genuína, foi liquefeita e substituída por estereótipos coletivos ou ideológicos. Por mais que a obviedade da realidade faça-se evidente, notória e inequívoca, ela é estupidamente desdenhada ou debilitada, pois a mente alienada só enxerga o que lhe apraz. A meta da alienação é desintegrar por completo qualquer identidade individual que contenha a força de uma personalidade singular, autônoma, crítica, livre, inventiva, inovadora, original e fecunda.

A alienação, gradativamente, vai dilapidando e enclausurando esta personalidade sobrepondo-a com máscaras e estereótipos da identidade coletiva. Quando a alienação apodera-se por completo do corpo, alma e mente, ela manipula por meio das fraquezas, como, por exemplo: o medo da rejeição e isolamento social -

e assim atua principalmente nestas emoções, pois, sabe que o ser humano anseia por aceitação social e pertencimento a grupos, coletivos, seguimentos etc. O alienado sente-se aliviado e feliz por estar integrado a um **todo**, sentindo-se, deste modo, mais humano e participe de algo com que, alienadamente, acredita identificar-se em um alienado sentimento de pertencimento. Assume, portanto, doravante, *empedernidamente* as máscaras estereotipadas que o submete aos mesmos trejeitos coletivos, em um *mimetismo* representativo de condutas e *cacoetes mentais*. Este pertencimento passa a ser a base emocional do alienado, logo, inexoravelmente, as máscaras de fato se integram congenitamente em sua interioridade.

E assim, não obstante, o alienado segue doravante, com sua *consciência profunda* desintegrada e substituída por uma outra superficial, uma *consciência postiça* cuja predisposição é estar a mercê da **vontade coletiva**. Esta consciência postiça funciona por meios instrumentais, mas é instigada por paixões que faz o indivíduo acreditar estar expressando a realidade de uma forma, hipnoticamente, convicta da realidade de suas interpretações plásticas, porque suas “crenças” tem afinidades com as emoções padronizadas do coletivo e os seus discursos, temores, preconceitos, desafetos, antipatias e aversões, são acolhidos e potencializados pelo grupo. Assim, portanto, continua suscetível a um *hipersensibilização*

manipulatória de influências ideológicas e coletivas.

O alienado não sente a realidade factual, apenas o que imagina, porque a realidade não tem mais acesso a ele diretamente, mas apenas por vias terceirizadas. É impossível avaliar o quão extenso é o domínio *hipnótico* que a alienação exerce sobre o ser humano. Em suma, a alienação é um *aborto* da realidade intelectual, emocional, social e espiritual. Muitas vezes, a alienação alimenta um sentimento de ódio contra a realidade, submetendo o indivíduo a um *autoexílio psicótico* que transfigura a sua subjetividade mental numa idealidade utópica, porque a mente alienada se recusa a enfrentar o peso da existência.

A consciência é uma faculdade humana que tem por objetivo um esforço permanente de perceber a realidade da existência. A consciência moral, por exemplo, é um discernimento pessoal que, paulatinamente, enquanto se vive, segue proporcionando esclarecimento para que se viva neste mundo de contradições, relativismos e ambiguidades. A consciência não é uma *ferramenta de manuseio* que se utilizada quando for necessária, mas é um esforço permanente de percepção da realidade integral da existência humana.

A alienação desloca a percepção da realidade impondo suas distorções persuasivas,

muitas vezes, condicionando o alienado a uma *servidão hipnótica*. A alienação impede o alienado de ter acesso a realidade dos problemas, utilizando-se de técnicas de manipulação da linguagem e da consciência. A alienação atua se amoldando sob infinitas formas, mas todas estas variedades de formas tem algo em comum, obstruir sutilmente a consciência de perceber a realidade.

Uma das formas mais evidentes é quando a alienação *ideologiza* a consciência ao ponto de afetar o espírito e o psicológico. A *consciência ideologizada* está muito além de uma posição política, ela “sequestra” a mente e subjuga o espírito. A alienação da consciência ideologizada tem um *modus operandi*: a histeria. A alienação condiciona o indivíduo a uma *consciência histérica*, ao ponto de ele acreditar desesperadamente na mentira, acusando assim todas as leis, crenças, costumes e valores, porque a sua “verdade” está acima de toda a tradição humana.

O alienado histérico se deixa afetar tão profundamente pela própria dissimulação, ao ponto de cometer os atos dos mais esdrúxulos aos mais sofisticados, como, por exemplo, enquanto uns depravam-se moralmente, outros são capazes de mentir estrategicamente com mentiras conscientes e planejadas, dando-lhes um aspecto realista e honesto. Um tipo de mentira diferente de um político comum, que visa às vezes interesses pontuais, próprios e fisiológicos. O

alienado histérico é capaz de dosar inteligivelmente mentiras e verdades, pois sua intenção é estrutural, permanente e expansiva. Sua intenção é o dismantelo metódico da estrutura da realidade social. Estes alienados históricos sofisticados são intelectuais astuciosos, sagazes e usam de *engenharia social*, como a programação *neurolinguística*, para remodelar a sociedade numa ressignificação da realidade social, emocional, espiritual e intelectual.

A consciência

A consciência é um conhecimento do eu relacionado a si mesmo, aos outros e a realidade existencial. Existe uma conexão com o aspecto emocional, intelectual, social e espiritual. O intelecto sempre estará em conexão com a consciência, assim como em qualquer relação que a consciência estabelecer. No aspecto moral, por exemplo, a consciência é a razão moral que se pronuncia sobre os atos e pensamentos morais. A mente fornece a lei para a consciência e ela pronuncia o julgamento, logo, todo ser humano deve obedecer a consciência, desde que ela seja devidamente estabelecida e iluminada, pois, a consciência humana é insuficiente e deficiente, logo, não devemos seguir nossa própria consciência, mas devemos iluminá-la.

A consciência deve atuar sempre de acordo com o que lhe é fornecida, pois ela não é autossuficiente e não é capaz de produzir suas próprias demandas. Ela não cria valores, leis, princípios, pois, não cabe a ela *legislar por conta própria*. Em Romanos 2.15 diz que a lei foi escrita no coração, ou seja, foi estabelecida de fora para dentro por um Autor, portanto, a lei é produto de um Criador, não de uma criatura. *A consciência não é uma fonte, mas um meio de conhecimento.*

O ser humano não faz a consciência, mas é ela que o faz, pois, somente o Espírito é a relação

do autoconhecimento com o conhecimento de Deus, e é somente o Espírito que é capaz de edificar a consciência. O Espírito pela consciência afirma Deus em nós, que capacita o discernimento da consciência fora de nós.

A consciência da razão moral açoita, castiga, gera remorso, arrependimento, mas tudo por intermédio de uma lei já estabelecida. A consciência por si mesma como um guia, é como seguir o próprio nariz.

A consciência relacionada a razão moral, por intermédio de uma combinação de intuição com educação da informação interna com a externa quanto aos princípios gerais sobre o certo e o errado, fornece o padrão segundo o qual a consciência pode julgar. Somente o Espírito que vem de Deus é capaz de fornecer as bases para capacitar a consciência a tomar as decisões corretas e verdadeiras. A consciência cauterizada, deformada e fraca estará fadada a uma condição torpe e pervertida, pois a má consciência sempre estará contaminada por uma corrupção, enquanto a boa consciência é o eco da voz de Deus.

O imperativo da consciência é imperativo categórico que independe da vontade do homem que, mesmo se a desobedecer, ela continua afirmando sua autoridade e solicita que nossos impulsos, desejos, cobiças se curvem diante dela. Mas a consciência não é a autoridade original, ela aponta sempre para algo mais elevado que ela.

Como dizia Gordon no seu livro, *Chirst of today*, “a consciência é a verdadeira escada de Jacó, colocada no coração do indivíduo e tocando o céu, sobre ela os anjos da auto-reprovação ou da auto-aprovação sobem e descem”.

Só podemos ser escravos da nossa própria consciência por meio de uma autopercepção, para assim compreendermos que ela supera-nos e traspõem nossos limites e nossa condição insuficiente. Quando, pois, procuramos potencializar o discernimento de nossa percepção, entendemos plenamente a nós mesmos a partir da transcendência da consciência. Só podemos ser fiéis súditos daquilo que é verdadeiro e que se desvela a nós por si mesmo, como algo objetivo e independente. Impossível é ao ser humano, com suas plenas faculdades mentais sadias, doar-se completamente a uma invenção de sua mente, a “verdades” fabricadas e ilusões, pois, elas desfalecem-se por si mesmas, e não se suportam por muito tempo.

Quando percebemos que a consciência é mais do que nós mesmos, entendemos que ela é distinta de nós e que, sua voz ao ser escutada, não é a nossa própria voz. Não se trata de um monólogo, mas de um diálogo verdadeiro e, na verdade, esta voz que ouvimos não é da consciência, mas é a própria consciência, porque ela não tem uma voz, ela é a própria voz.

É a voz da transcendência que não vem do ser humano, porém, só é ouvida por ele. Portanto, é o caráter transcendente da consciência que nos faz compreender a nós mesmo como humanos, de uma forma profunda e única.

Qual é a tragédia desta modernidade? Chama-se E-G-O. No ego, já dizia Freud, existe o princípio do prazer, porém, existe também o princípio da realidade social, posto que nossos desejos, anseios, ambições não podem ser saciados ao bel-prazer, pois existe uma realidade social ao qual devemos nos ajustar, de acordo com suas normas, regras, éticas e leis. Portanto, está consubstancialmente intrínseco no ego o egoísmo, a vaidade, ou seja, seu próprio interesse.

Ele é capaz de criar uma realidade própria para corresponder as seus apeteces. O ego acredita ser senhor de si a tal ponto de fazer valer aquela máxima “a existência precede a essência”. A prepotência do ego autossuficiente é tão arrogante, que ele arroga para si a capacidade de ser legislador ético e moral de si próprio. É uma das alienações mais aberrante, o ápice de tragédia humana. A soberania do ego significa justificar a consciência a partir de instintos, impulsos, desejos. A consciência não pode ser derivada do ego porque nossa condição existencial do ser, não pode ser reduzida a nossa instintividade. Impulsos jamais poderão reprimir, censurar ou sublimar a si próprios, é como se fosse a água querendo “secar” a si mesma. Não existe nenhum imperativo

categorico autônomo, pois, por inerência, sua legitimação é outorgada pela transcendência e nunca pela imanência.

Nosso ego é fundamentado no impulso, nossa consciência no Ser, porque, por trás do Ser, há um eu espiritual. Logo, o conceito *sartreano* é “corrigido” e recolocado dentro de sua condição real, de modo que a verdade é “a essência que precede a existência”, ou seja, esta essência é a realidade do espírito que existe antes do ser humano e que também o transcende.

Deturparam a realidade da essência do ser humano, reduzindo-o em um objeto que pensa, que acredita ter poderes contorcionista de criar a si mesmo e refazer-se como bem queira, como se o ser humano fosse um brinquedo “lego”, cujas peças e encaixes transformam-se em qualquer coisa.

A tragédia do ego é fazer muitos acreditarem que o ser humano é uma pessoa livre para escolher ser quem bem queira, reinventando a si mesma, como se detivesse uma espécie de poder para “criar” e “fazer” de si uma outra pessoa. Um tipo de ego criador capaz de gerar várias criaturas de si mesmo como se partissem de um vácuo, de um *nada* para *algo*. Este ego criador nega qualquer preexistência no ser humano, pois ele rejeita ser “algo” dado, que exista qualquer “modelo” *a priori* de si. Este conceito é como querer acreditar que se pode subir em uma corda